

Narrativas de histórias de vida e evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos

RESUMO

Vivian Leamari Magalhães Bezerra

vivian-leamari@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1616-2250>
Universidade Tuiuti do Paraná (UTP),
Curitiba, Paraná, Brasil

Denise de Camargo

denicamargo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9092-9988>
Universidade Federal do Paraná
(UFPR); Universidade Tuiuti do Paraná
(UTP), Curitiba, Paraná, Brasil

Maria Sara de Lima Dias

mariadias@professores.utfpr.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-7296-6400>
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná,
Brasil

Paula Maria Ferreira de Faria

paula.pmff@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6804-8711>
Universidade Federal do Paraná
(UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil

O artigo apresenta um recorte qualitativo na perspectiva interpretativista de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi analisar as narrativas de evasão escolar dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma instituição pública de ensino localizada em um município na região sul do Brasil. Dez estudantes de uma turma da EJA participaram de uma entrevista narrativa na qual compartilharam suas histórias de vida, em relação com a sua trajetória escolar. Os relatos foram analisados por meio do procedimento de análise das narrativas. Identificou-se nos participantes múltiplos relatos de dificuldades financeiras e privações, que condicionaram a entrada precoce desses estudantes excluídos da escola no mercado do trabalho de forma precária. Durante suas trajetórias de vida, os participantes vivenciaram uma sucessão de emoções relacionadas a privações, sofrimentos, características das perdas de vínculos e relações com familiares expressas em sentimentos e afetos relativos ao constante estado de exclusão social vivenciado. O estudo indica a essencialidade da dimensão da afetividade no estabelecimento de relações educacionais, bem como a necessidade de práticas educacionais que considerem os estudantes da EJA como seres integrais, fortalecendo seus objetivos e projetos futuros relacionados à jornada acadêmica e à vida social como um todo. Nesse sentido, conclui-se que a compreensão do ser humano em seu contexto cultural e histórico, considerando a indissociabilidade entre cognição e afeto, é um caminho para favorecer o pertencimento e integração dos estudantes à comunidade, contribuindo à efetivação da aprendizagem e ao pleno desenvolvimento de cada sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: História de vida. Evasão escolar. Educação de jovens e adultos.

INTRODUÇÃO

A evasão escolar tem sido o tema e um problema recorrente nos debates entre educadores brasileiros, revelando o peso da fuga escolar em nossa sociedade. Tal situação causa sofrimentos na vida de muitos jovens e adultos que, por diversos motivos, necessitam se ausentar da escola no ensino regular, interrompendo em dado momento de suas vidas seus sonhos e projetos (SILVA; ARRUDA, 2012). A evasão escolar tem sido apresentada como um fenômeno preocupante que perpassa diferentes idades e níveis escolares com crescentes índices em nosso país, adiando ou até mesmo interrompendo oportunidades profissionais, de crescimento pessoal e de desenvolvimento social (BRASIL, 2014).

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais (Inep) (BRASIL, 2014), a situação no país é alarmante uma vez que o Brasil perfaz a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior índice de desenvolvimento humano (IDH); dentre os países da América do Sul no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apresenta a menor média de anos de estudo. O alto índice de estudantes sem concluir os estudos na idade correta compromete a trajetória escolar e o futuro profissional. Dados do Inep (BRASIL, 2014) indicaram que a evasão do Ensino Fundamental e Médio no ano de 2016 apresentou um índice de 4.648.242 (37,95%); em 2017, o total foi de 4.643.475 alunos fora da escola, com o índice de 38,63 %. Em 2018, por sua vez, o total foi de 4.882.185 alunos que não frequentavam o convívio escolar, com o índice total de evasão de 39,72% (BRASIL, 2014).

Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo integrante de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi compreender como os jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) narram e significam o abandono dos estudos no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, buscando indicadores qualitativos que contribuíssem à busca de soluções para o enfrentamento do problema da evasão escolar. A pesquisa qualitativa utilizou entrevistas narrativas nas quais dez participantes compartilharam suas narrativas de vida escolar, expressando marcas subjetivas dos contextos sociais vivenciados enquanto estudantes, assim como suas convicções acerca do futuro nos âmbitos pessoal, estudantil e profissional.

A compreensão de como as pessoas excluídas da escola atribuem significados à sua história fundamenta-se no entendimento de que o sujeito produz sua existência, inserida em determinadas condições históricas, culturais e sociais; desse modo, constitui-se a si mesmo e também forma a sociedade em que participa, por meio das relações sociais que estabelece subjetiva e objetivamente e nas quais desenvolve suas atividades (GONZÁLEZ-REY, 2003). Do ponto de vista metodológico, optou-se pela entrevista narrativa; em concordância com González-Rey (2003), acredita-se que o sujeito foi por muito tempo excluído das pesquisas em ciências sociais, principalmente nos estudos pautados pelos pressupostos do positivismo e do pós-estruturalismo, nos quais o caráter gerador da pessoa foi negligenciado. O compartilhamento de histórias de vida pressupõe a compreensão, segundo Vigotski (2007), de que o homem é constituído subjetivamente, ou seja, o homem constrói sentidos e significados que irão se

desenvolver no processo das relações sociais, no decorrer de suas vivências ativas no mundo.

No decorrer do artigo será apresentado o percurso da entrevista narrativa, as contribuições individuais dos dez participantes e o compartilhamento de suas histórias de vida. Espera-se, a partir da análise dessas narrativas, iniciar a construção de novas formas de enfrentamento para a evasão escolar no processo educacional brasileiro.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo apresenta um recorte de uma dissertação de mestrado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na perspectiva interpretativista, que se caracteriza como uma pesquisa narrativa por registrar “o processo dinâmico de viver e contar histórias, de reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18). A pesquisa narrativa é uma forma de pesquisa qualitativa que procura compreender a experiência humana na qual o pesquisador ouve, interage e registra fragmentos de histórias; desse modo, produz um texto, interpreta e constrói outro texto.

A entrevista narrativa é um dos principais instrumentos de produção de dados na pesquisa narrativa. O objetivo da entrevista narrativa é a experiência contada em forma narrativa, principalmente utilizada no contexto da pesquisa biográfica (BERTAUX, 1981; ROSENTHAL, 2014). Na entrevista narrativa o entrevistado apresenta suas respostas de modo espontâneo; a principal função do entrevistador é conduzir para que o informante conte a história da área de interesse da questão da pesquisa como uma história consistente, contendo todos os dados relevantes, com início, meio e fim (HERMANNNS, 1995).

Os elementos da entrevista narrativa são inicialmente propostos com uma pergunta como tema gerador; posteriormente realiza-se a investigação mais profunda das narrativas, analisando os fragmentos de cada fala e as entrelinhas das narrativas com uma maior percepção, diante de cada história apresentada. O último estágio é a fase do equilíbrio, na qual o entrevistador faz perguntas ao entrevistado sobre o que aconteceu. As entrevistas coletam dados de um conjunto mais ou menos abrangente e estruturado, como uma narrativa de história de vida ou de determinadas situações que os entrevistados extraem de suas experiências de vida, as quais compartilham com o entrevistador no decorrer da entrevista (FLICK, 2009).

A escolha pela entrevista narrativa para a produção de dados se deu a partir da opção epistemológica das autoras pela pesquisa qualitativa na perspectiva interpretativista considerando que, na busca de objetividade positivista, a ciência por vezes perde seu objeto de estudo (OLIVEIRA, 2010). Compreende-se, assim, que as narrativas contribuem para uma visão ampliada do que é e do que pode ser a realidade social, que muitas vezes não é apreendida por meio de procedimentos e protocolos da cientificidade moderna. Cabe frisar que o método “é um meio para

explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26).

O objetivo da pesquisa foi compreender a história da vida escolar como construção social. Os dados foram interpretados por meio da análise de narrativas (FLICK, 2009) a partir de cinco etapas:

- Análise de dados biográficos: reconstrução, a partir da narrativa, dos dados objetivos dos participantes;
- Análise do campo temático;
- Levantamento de indicadores individuais e sociais da evasão escolar;
- Análise interpretativa dos significados das narrativas;
- Exposição das múltiplas interpretações apresentadas no texto.

Participaram do estudo dez estudantes da Educação de Jovens e Adultos em um colégio estadual na região sul do Brasil, convidados a participar de uma entrevista narrativa em um grupo de pessoas dispostas a compartilhar suas histórias de vida, com foco na história de sua vida escolar. Foram utilizados nomes fictícios, a fim de preservar as identidades dos participantes: João, Getúlio, Olímpio, Maria, Manoela, Margarida, Horácio, Esmeralda, Jasmim e Safira. Três participantes eram surdas e participaram das entrevistas narrativas com a mediação de uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Participaram da pesquisa seis mulheres e quatro homens, com idades entre 25 e 57 anos (idade média de 44 anos) e estado civil casado (sete participantes) e divorciado (três participantes). Todos os participantes tinham filhos (média de 2,4 filhos por participante). Os estudantes se autodeclararam como brancos (um participante), pardos (seis participantes) e afrodescendentes (três participantes). A renda média familiar dos participantes foi de R\$1.795,00, cerca de um salário mínimo e meio por mês. Dentre os dez participantes, apenas dois não eram naturais do estado em que viviam atualmente, no sul do Brasil: um participante era de um estado do nordeste brasileiro e um participante era natural de outro país sul-americano.

Em relação à atividade profissional, apenas uma participante declarou não exercer atividade remunerada; os demais declararam distintas profissões (motorista, soldador, diarista, costureira, merendeira, cozeira, vendedora e dois operários).

O PERFIL E A NARRATIVA DA HISTÓRIA DE VIDA ESCOLAR DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Compreender como as pessoas excluídas da escola podem atribuir sentido às suas histórias abre a possibilidade da busca de alternativas para a inclusão, a permanência e o sucesso escolar. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentam um perfil diferenciado dos estudantes do ensino regular. Cada estudante possui sua bagagem e história de vida escolar, geralmente sendo

trabalhadores com idades acima de 15 anos no mínimo e principalmente acima de 30 anos, marcados por dilemas sociais, histórias de vidas, biografias difíceis com adversidades, perdas e problemas acentuados de ordem familiar que acabaram influenciando em sua trajetória escolar. Grande parte desses alunos são moças e rapazes que permaneceram na escola, mas que tiveram uma trajetória marcada por reprovações e desistências, gerando uma nova postura da instituição de ensino e demais envolvidos na área.

A narrativa foi percebida como uma possibilidade de reconstituição de parte da história individual dos estudantes por meio de suas memórias. Isso proporciona ao aluno recordar fatos e reconstituir histórias e momentos de sua vida, o que representa a oportunidade de ressignificar acontecimentos e expressar percepções de si mesmo, descrevendo e refletindo sobre a construção de sua própria identidade. Segundo Brandão (2001), a narrativa do estudante conduz à lembrança dos fatos, assumindo uma forma de trabalho e um caráter de dimensão cognitiva e de forma de saber.

As narrativas apresentadas neste artigo demonstram o caráter positivo da memória, considerada como um elemento que expressa o “sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstituição de si” (POLLAK, 1992, p. 204). As memórias evocadas pelas narrativas dos participantes são relevantes para conhecer a história de vida e as vivências dos estudantes da EJA, contribuindo para a criação de estratégias para conhecer essa população e melhor atendê-la.

NARRATIVA DOS ESTUDANTES: HISTÓRIAS DE VIDA E VIVÊNCIAS

Concluída a etapa do contato prévio com os estudantes, as entrevistas foram realizadas em grupo e ocorreram em uma instituição de ensino da EJA. O encontro foi agendado com os estudantes em uma reunião em que foi apresentado o objetivo da pesquisa, bem como lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A proposta da entrevista narrativa em grupo visava que cada participante compartilhasse com seus colegas um pouco da história de sua vida. O pressuposto é que a oportunidade de compartilhar histórias de vida promove a tomada de consciência das vivências e conduz a uma nova compreensão do lugar de cada sujeito no mundo. Desse modo, o conhecimento da história de cada pessoa na intersecção com a história da sociedade revela que cada sujeito é também produto da história (LANE, 1986), promovendo o fortalecimento por meio dessa experiência.

No encontro, os estudantes se organizaram em círculo e começaram a narrar um pouco sobre suas histórias, suas vivências e convicções sobre a educação, relacionando-as principalmente a melhorias para suas famílias e em relação ao futuro. Para que se sentissem mais à vontade, a pesquisadora inicialmente contou um pouco sobre sua vida; após escutarem, os participantes

gradativamente foram se envolvendo e compartilhando também suas histórias de vida.

O primeiro participante a compartilhar sua história de vida foi João. Vindo de outro país da América do Sul, reside no Brasil há 35 anos. De origem humilde, João faz parte de uma família de oito irmãos; foi criado pelo pai e pelas irmãs, após a separação de seus pais quando tinha 5 anos de idade.

Eu tive que trabalhar muito cedo, trabalhei com 9 anos já estava na rua vendendo jornal das 5 às 11h da manhã para poder estar às 13h na escola. (João)

O participante interrompeu os estudos na sexta série e retomou posteriormente na EJA por exigência de seu trabalho atual. Relata que pretende dar continuidade aos estudos com um curso técnico ou faculdade, para que possa ter um futuro melhor.

E estou hoje, aqui, contando minha vida, e tentando cada dia mais aprender aqui e levar a minha vida para frente. (João)

O segundo participante foi Getúlio, de 27 anos de idade. Relata que, após o falecimento de seu pai, quando tinha 11 anos de idade, a família de nove filhos passou por dificuldades financeiras. A situação foi agravada com a gravidez e separação de uma de suas irmãs, que passou a viver novamente com a família. Assim, Getúlio abandonou a escola aos 14 anos para trabalhar como ajudante de pedreiro e contribuir à renda familiar. Nesse período, o participante destaca histórias relacionadas a atividades ilícitas e ao uso de substâncias psicoativas – situação vivenciada até os 18 anos, quando conseguiu mudar sua vida.

Fui na onda de colegas e caí no mundo da malandragem, comecei a mexer com drogas... só me envolvia em coisas erradas, mas graças a Deus aos 18 me casei e parei com tudo isso. Tenho minha filha, voltei a trabalhar honestamente, minha mãe conseguiu a aposentadoria do pai e eu construí minha casa. (Getúlio)

O participante retomou os estudos na EJA há pouco tempo, devido aos conselhos de alguns amigos. Relata ter a perspectiva de avançar acadêmica e profissionalmente:

[...] se Deus quiser não pretendo parar tão cedo, pretendo terminar tentar um concurso público, uma faculdade... e essa é minha história. (Getúlio)

O terceiro estudante a compartilhar sua história de vida foi Olímpio, de 53 anos de idade. A história de vida narrada pelo participante revela uma trajetória familiar marcada por vivências singulares de sofrimento desde que foi entregue pelo pai a um orfanato.

Foi assim meu início de sofrimento; [...] na época meu pai se separou da minha mãe, saiu comigo e minha irmã dizendo que ia na loja comprar roupas, nos roubou da minha mãe e nos levou para morar em um colégio interno no orfanato. Fiquei por lá dos meus 7 até os meus 15 anos, achando que minha mãe havia morrido, foi muito sofrimento, fiquei aos prantos quando meu pai me deixou naquele lugar! (Olímpio)

Olímpio relata um comportamento escolar de brigas e agressões físicas entre colegas, sustentado pelo ciclo da violência promovido pela própria escola, com punições físicas severas aos estudantes indisciplinados.

[...] tinha ocasião que você urinava de tanto apanhar, era o tempo do regime militar na década de 60. (Olímpio)

Aos 15 anos, porém, a história de Olímpio sofreu uma grande transformação, que impactaria sua vida de modo definitivo.

Chegou uma senhora no orfanato dizendo que era minha mãe... ninguém acreditou, pois nós achávamos que eu era órfão. Ela chegou, me abraçou, chorou muito, o momento foi marcante! Depois de encontrar minha mãe... o sofrimento acabou, fui ajudar minha mãe a fazer farinha, ia pra roça, lenhar, capinar e parei na sexta série os estudos [...]. (Olímpio)

A despeito das vivências marcadas pelo sofrimento ao longo da infância e adolescência, o participante relata que atualmente sente-se bem e feliz, com a perspectiva de continuidade dos estudos:

Tenho família, sou casado e um casal de filhos, tenho profissão... quero me qualificar e fazer uma faculdade depois que terminar meus estudos e essas são histórias da minha vida, professora! (Olímpio)

A história de vida narrada por Olímpio emocionou o grupo de participantes, que aplaudiu seu relato pessoal.

A quarta participante foi Maria, de 40 anos. Natural de um estado do nordeste brasileiro, Maria é casada, tem uma filha e trabalha como merendeira. A participante compartilhou sua história de vida em seu estado natal e os motivos que a levaram a abandonar os estudos durante a adolescência.

Eu parei de estudar no Ensino Fundamental, no sexto ano. Era adolescente, nem lembro; acho que tinha 14 pra 15 anos, pois precisava ajudar em casa minha mãe, que sempre batalhou para criar meus irmãos. Meu pai e minha mãe se separaram, eu era muito nova, fiquei sem estudar muito tempo, pois tive que batalhar... a vida lá [...] não era fácil não! (Maria)

Maria relata ter migrado para o sul do país aos 25 anos de idade, em busca de emprego. Embora inicialmente tenha voltado a estudar, acabou desistindo dois anos depois.

Quando cheguei aqui há 15 anos, voltei a estudar e depois parei no oitavo ano por causa da minha filha; não tinha gente pra cuidar dela, eu não tinha minha mãe perto para me ajudar a cuidar dela. (Maria)

Após alguns anos a participante realizou exames de equivalência e conseguiu retomar os estudos; atualmente, está concluindo o Ensino Médio. A participante relata gostar de estudar, mas enfrenta dificuldades com a sobrecarga da jornada tripla entre estudos, trabalho e família. A despeito das dificuldades, entretanto, Maria planeja prosseguir estudando.

Quero terminar o colégio para dar um futuro melhor para minha filha, o que eu sofri não quero que ela sofra e meu sonho é terminar o [Ensino] Médio e fazer curso técnico ou até faculdade, porque agora tem o curso aqui e gostaria de trabalhar com pessoas idosas. (Maria)

A narrativa de história de vida de Maria revela uma trajetória difícil que impactou sua jornada escolar e acadêmica, mas que é vivenciada pela participante com esperança e motivação.

Minha história é de muitas lutas, cheguei aqui nessa cidade sem nada, hoje construí com bastante esforço minha casa, tenho meu trabalho, o marido está trabalhando como motorista; estamos com saúde e assim a vida segue. (Maria)

A quinta participante a compartilhar foi Manoela. De origem humilde, a estudante conta que teve que abandonar os estudos quando ainda era adolescente, frente à necessidade de trabalhar para compor o sustento familiar.

[...] comecei a trabalhar um pouco mais cedo, daí parei de estudar, pois minha mãe era costureira e meu pai carroceiro, então estudei até a sétima série, daí trabalhei e daí não conseguia conciliar trabalho e estudo porque eu era muito jovem [...]. (Manoela)

Manoela se casou aos 17 anos e teve três filhos, permanecendo nesse relacionamento por 29 anos. A participante narra uma vida conjugal permeada pelo sofrimento, o que contribuiu para a interrupção de seus estudos.

[...] sofri muito com ele, ele me colocava pra baixo, se incomodava com minha alegria, fazia eu me sentir feia, [...] tive muitas decepções nessa relação em vários sentidos [...]. Nesse tempo ele me desmotivava a estudar. (Manoela)

Atualmente, Manoela se separou e retomou os estudos, apresentando uma visão positiva acerca de seus projetos e aspirações pessoais. Compartilhou com o grupo suas expectativas quanto ao futuro acadêmico e profissional:

Hoje estou separada e voltei a estudar. Pretendo terminar, fazer faculdade e meu sonho é fazer intercâmbio nos Estados Unidos... esse é o meu desejo. Se vou chegar até lá? Eu creio que sim, pois dessa janela aberta eu vejo novos horizontes. (Manoela)

A sexta participante foi Margarida. A estudante, que tem 42 anos e trabalha como diarista, compartilhou as dificuldades vivenciadas para cursar os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Eu morava no sítio com meus pais [...]. Terminei a quarta série, aí o colégio era muito longe. A escola era muito longe, não tinha como ir para a escola... meu pai nos proibia de ir à escola, que pra ele mulher não estudava. (Margarida)

Margarida deixou a casa dos pais aos 17 anos e logo se casou, permanecendo no relacionamento por 25 anos. Tal como Manoela, a participante descreve a convivência conjugal com sofrimento. Nesse período, Margarida começou a trabalhar para contribuir financeiramente à família.

Sofri muito, ele me traiu bastante... aguentei muita coisa, pois já tinha meus filhos. Fiquei cuidando de casa, filhos, marido. Comecei a trabalhar para ajudar em casa nas despesas. (Margarida)

Após um longo período dedicado às necessidades da família, a participante narra uma mudança de vida, com foco em seus próprios anseios.

Agora que eles cresceram e que eu me separei, e decidi voltar a estudar. E resolvi buscar meus objetivos [...]. (Margarida)

Por fim, Margarida revela seus projetos e expectativas para o futuro. A despeito das dificuldades relacionadas ao tempo disponível e à distância da escola, a participante enfatiza seu amor pelos estudos e o desejo de continuidade de sua jornada acadêmica.

Tenho grandes sonhos, planos; não sei se vai ser possível realizar, mas eu estou na luta. Meu maior sonho é fazer uma faculdade de administração, então meu objetivo é esse. Hoje ter voltado a estudar me deixa feliz. Eu amo ler, eu amo estudar, eu amo quando estou dentro da sala de aula. Eu venho feliz pro colégio, mesmo vindo de longe, sendo cansativo, chegando em casa tarde, eu amo muito isso. Eu sou muito grata, tenho professores maravilhosos que eu amo e vou sentir saudades [...]. (Margarida)

O sétimo participante foi Horácio, de 57 anos. Sua trajetória inicial em uma escola confessional foi marcada por períodos seguidos de afastamento devido a enfermidades, o que impactou seu vínculo com a escola e os estudos.

Daí comecei a pensar: “vou reprovar”. Desisti de estudar e aos 9 anos comecei a trabalhar, a vender bolinho, vendia pastel, vendia sorvete. Fui vivendo minha vida desse jeito. (Horácio)

Após abandonar a escola, Horácio narra diversas dificuldades e situações vivenciadas ao longo de sua vida.

Depois comecei a conhecer amigos que levavam pra outros caminhos. E, aos 13, 14 anos, conheci a droga, a maconha, o cigarro, a bebida. Nisso, já meu pai se separou da minha mãe. Minha vida virou de cabeça pra baixo, fiquei solitário. Em seguida me casei, fiquei durante anos nas drogas. (Horácio)

O participante relata uma mudança de vida relacionada à sua crença religiosa; desde que passou a frequentar uma denominação religiosa, Horácio traçou novos planos para seu futuro – o que incluiu a retomada dos estudos como preparação para o mundo do trabalho e também para a realização de projetos pessoais relacionados à religião, como o evangelismo.

Saí após ir para a igreja, e agora voltei a estudar porque quero ter diploma, pois falo inglês, mas não posso ganhar como intérprete (só como colaborador) porque não sou formado. Então quero fazer, quem sabe, uma faculdade nessa área, trabalhar e evangelizar em vários idiomas. (Horácio)

As três últimas estudantes a compartilhar foram duas estudantes surdas que fizeram questão de participar da pesquisa. Para que todos pudessem interagir plenamente, o grupo contou com a presença de uma intérprete de Libras na roda de conversa.

A oitava participante foi Esmeralda, de 45 anos, que trabalha como vendedora. A estudante relata o sofrimento vivenciado ao longo de sua trajetória escolar.

Eu lembro que demorei a entrar na escola porque eu era surda. Me lembro da infância com muita tristeza pois antes as pessoas, a minha família, a minha mãe, não aceitavam que eu era surda. Na época, aqui não tinha escola pra

surdos; eles queriam que eu aprendesse a falar. Foi muito sofrimento. (Esmeralda)

Ainda durante a infância, Esmeralda narra ter estudado em uma rígida escola confessional católica; posteriormente, ingressou em uma escola especializada para surdos.

Fiquei muito tempo sem estudar, casei, tive dois filhos, me separei. Tentei achar emprego; foi muito, mas muito difícil. (Esmeralda)

Atualmente, após retomar os estudos na EJA, Esmeralda revela seu vínculo com a instituição de ensino e suas expectativas em relação à aprendizagem e ao futuro.

Voltei a estudar, pois quero continuar a estudar para aprender mais, quero aprender mais, sou curiosa. Eu gosto de estudar aqui, tenho muitos colegas surdos aqui e aqui todos se interessam pelos surdos. (Esmeralda)

A nona participante foi Jasmim. Com 39 anos, solteira e uma filha, atualmente trabalha como copeira. Assim como Esmeralda, Jasmim também estudou em uma escola confessional católica bastante rigorosa, entre os 6 os 15 anos de idade.

A mamãe levava sempre eu lá, até a quarta série. Elas eram bem bravas. Depois a mamãe parou de levar, daí não tinha mais a escola de surdos, tinha que vir para a EJA. (Jasmim)

Apesar de ter cursado os anos iniciais do Ensino Fundamental, a participante revela ainda apresentar dificuldades de alfabetização. Jasmim passou um longo período longe da escola e retomou os estudos na EJA aos 28 anos. As expectativas da participante relacionam-se à concretização da alfabetização, relacionada à sua permanência no emprego atual.

Eu gosto de vir aqui na escola, fiz muitas amizades e estou terminando algumas disciplinas. Eu ainda não sei muito bem ler e escrever, por isso tenho que continuar a estudar e meu trabalho quer que eu esteja estudando. (Jasmim)

A décima participante foi Safira, de 40 anos. A estudante é casada e tem dois filhos; relata não atuar profissionalmente por não conseguir emprego devido à surdez.

Não trabalho porque não consigo emprego em lugar nenhum, eles só querem contratar pessoas ouvintes. (Jasmim)

Jasmim narra ter frequentado uma escola para surdos entre os 6 e 14 anos de idade. Nesse período também frequentou um serviço especializado, o que culminou em seu afastamento escolar.

Meu pai também me levava algumas vezes em um lugar que a mulher tentava forçar eu falar, só queria trabalhar a oralidade, daí meu pai parou de me levar a estudar. (Jasmim)

Embora tenha feito um curso de datilografia, a participante relata só ter retomado os estudos formais há três anos, após um encontro fortuito com uma intérprete de Libras que a informou sobre a possibilidade de estudar na EJA, junto

com estudantes ouvintes. As expectativas de Jasmim relacionam-se à melhoria de condições pessoais e profissionais para si e sua família.

Pretendo ter um futuro melhor para dar para meus filhos e conseguir um emprego. (Jasmim)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise mostrou que todos os estudantes relacionaram o período de saída da escola à exclusão social e ao sofrimento. Os significados identificados na análise dos dados permitiram dividir o grupo dos participantes da pesquisa em dois subgrupos: o primeiro formado pelos sete primeiros estudantes do quadro, e o segundo pelos três últimos. As pessoas do primeiro grupo apresentam relatos de abandono, violência e sofrimentos relacionados às condições sociais precárias, com histórias de separações familiares que impactaram na vida deles. O segundo grupo é formado por três estudantes surdas que apresentam em comum histórias de não reconhecimento pela escola da identidade da surdez, a integração social pelo trabalho e a volta aos estudos. O não reconhecimento da surdez é relatado por uma das participantes como preconceito e foi vivido como sentimentos de tristeza e exclusão.

A partir da análise das histórias dos dez participantes da entrevista narrativa em grupo, foi possível compreender o universo de enfrentamento que cada estudante da EJA percorreu desde sua infância até a idade adulta em sua trajetória escolar. Nota-se que cada indivíduo é único e, independentemente de fatores genéticos, é produto do contato com o meio em que vive e das pessoas com as quais se relaciona ao longo da vida. Cada indivíduo entrevistado apresentou a construção de sua história cultural, acrescida de princípios, crenças, anseios e desejos; o resultado dessas relações com o outro e com o mundo torna-se fundante para cada indivíduo constituir sua subjetividade, sua própria identidade (VIGOTSKI, 2007).

Cada indivíduo compartilhou sua identidade e suas experiências durante a vida. Todos os participantes ocupavam durante a fase escolar uma condição econômica menos favorecida dentro dos padrões sociais pré-estabelecidos. De acordo com Sawaia (2011), tais pessoas fazem parte da massa (classe popular) e da multidão (liberdade obscura à criminalidade), no contexto cotidiano escolar e social dos espaços urbanos/e ou periféricos. Ainda segundo a autora, muitas vezes as classes sociais minoritárias se encontram em ambientes em comum com a classe dominante, mas com olhares e direções que distanciados pelas profundas separações de classes e desigualdades sociais. Assim, há duas diferentes leituras da sociedade:

[...] uns são atribuídos aos filhos da luz e os outros aos filhos da sombra, em que os subalternos constroem suas identidades com esse forte sentido de exclusão social, de discriminação, de preconceito, de invisibilidade enquanto sujeito, dentro da violência urbana diária. (SAWAIA, 2011, p. 134).

Em seus relatos, os estudantes deixaram transparecer que muitas vezes se sentiram excluídos devido à condição financeira quando frequentavam a escola

regular – ou, até mesmo, se sentiam assim ao retornarem para a escola no ensino da EJA.

Os estudantes que iniciam a EJA retornam frequentemente à escola marcados pelo lugar que ocuparam na sociedade quando foram excluídos do sistema de ensino. Voltam com estereótipos de fracassados e com marcas de preconceitos, resultados da experiência de terem sido excluídos de um lugar muito valorizado pela sociedade. Em sua maioria, os estudantes que saem da escola sem terminar o ensino básico configuram a camada mais empobrecida da estrutura social, como ficou evidenciado no relato das condições sociais e na caracterização da renda atual dos participantes da pesquisa. Chegam à EJA com uma perspectiva e com a identidade marcadas pela exclusão social; com traumas, dores e sofrimentos pelas escolhas e derrotas do passado, que permanecem condicionando seus destinos. Com frequência, devido a limitações tais como a falta de políticas públicas eficazes, falta de espaço físico adequado, falta de preparo e qualificação do professor e pouco investimento na educação, a escola não oferece suporte necessário a esses estudantes, que já foram excluídos em diversos processos de suas vidas. Dessa forma, tais pessoas se beneficiam da medida paliativa de políticas públicas por meio da EJA, que muitas vezes é o único espaço que permite trazer um pouco de esperança e de protagonismo a esses jovens para tentarem construir um futuro melhor.

Nos relatos, fica clara a falta de estrutura da escola para receber e lidar com as demandas desses jovens: trata-se de jovens excluídos por repetidos fracassos escolares, como foi revelado no relato de Horácio, forçado a interromper os estudos por duas vezes devido a condições de saúde não aceitas pela escola. Horácio foi discriminado perante a classe e teve negado seu direito de estudar, de aprender e de se desenvolver. A vida o impeliu a ir, desde muito cedo, em busca do mundo do trabalho.

De fato, a sociedade atual oferta constantemente um sistema excludente. Os que pertencem às classes menos favorecidas são considerados diferentes, desiguais e a eles são atribuídos rótulos depreciativos. Essas pessoas vivenciam repetidos fracassos escolares e não vislumbram alternativas para ter acesso à educação formal – e, menos ainda, às expressões culturais, sendo privadas desde muito cedo de um dos seus direitos de cidadania, que é o acesso à educação (SAWAIA, 2011).

Observou-se que os jovens participantes da pesquisa são vítimas predestinadas pois, na idade de maior inquietação e demanda por experiências novas e diferentes, não encontraram respostas na escola e na família e foram buscar nas ruas, em espaços desestruturados com possibilidades de ganhos e diversão, porém com muitos perigos (SAWAIA, 2011). Nos relatos dos estudantes que expressaram seus envolvimento no mundo das drogas, fica evidente que a escola não conseguiu atuar como espaço de formação e transformação na vida desses jovens e adultos. Segundo Sawaia (2011), os espaços urbanos, especificamente as escolas, têm se manifestado como espaços de contradições de um regime que exclui grandes massas de jovens, negando-lhes o direito à infância, à escola, ao trabalho, ao salário e a uma vida digna.

Todos os participantes passaram por diversos desafios que envolvem a dimensão das emoções relacionadas aos sofrimentos vivenciados; assim, todos foram impulsionados a entrar precocemente no mundo do trabalho. Tal fato revela que as crianças, jovens e adultos brasileiros têm tido sistematicamente seus direitos violados. Há uma violência silenciosa que se propaga e se fortalece no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2014), aproximadamente 1,5 milhão de jovens, na faixa etária de 15 a 17 anos, ainda estão fora da escola. A partir dessa realidade é possível problematizar: onde estão nossas políticas públicas? Por que atuam de forma tão tímida, não apresentando medidas eficazes?

A questão das emoções permeia o relato de cada um dos participantes, revelando a indissociabilidade entre pensamento e afeto nas vivências narradas pelos estudantes. Evidencia-se, desse modo, o caráter ativo das emoções, tal como proposto por Vigotski (2004a, 2004b, 2007), revelando o amálgama biológico e sociocultural que configura as emoções e impacta as percepções e relações de cada sujeito em seu meio. Para Vigotski (2004a, 2004b, 2007) as emoções surgem como funções psicológicas superiores mentais que, a partir das bases biológicas permeadas por correlatos no universo animal (embora dotadas de componentes especificamente humanos), sofrem uma completa transformação qualitativa ao longo do processo de desenvolvimento. Desse modo, as emoções fazem parte da complexa estrutura psicológica humana, compondo um todo que não pode ser desprezado na compreensão das vivências e histórias de vida de cada sujeito. Compreende-se, portanto, que

A unidade afetivo-cognitiva que sustenta a atividade humana demanda a afirmação da emoção como dado inerente ao ato cognitivo e vice-versa, já que nenhuma emoção ou sentimento, bem como nenhum ato de pensamento, podem se expressar como conteúdos puros, isentos um do outro. (MARTINS; CARVALHO, 2016, p. 702).

Como revelam as narrativas dos participantes da pesquisa, a exclusão escolar deixou profundas lacunas, fazendo com que jovens e adultos sejam vulneráveis ao mundo do crime, da drogadição e da reprodução de condição subalternas de sobrevivência, como a pobreza extrema e a alienação cultural. A instituição escolar, que deveria promover o desenvolvimento psicológico superior por meio da transmissão do conhecimento científico histórico e culturalmente acumulado pela sociedade, acaba por reforçar a exclusão, privando os estudantes de seu direito especificamente humano de desenvolvimento.

O drama dessa maioria, a quem o pão e o teto não são assegurados, encaminha para a precariedade de mediações significativas, fazendo com que a aprendizagem escolar e não-escolar se efetivem. Não é difícil imaginar as dificuldades com as quais esses estudantes se deparam para participar da vida escolar naquilo que deveria ser o essencial: a aquisição do conhecimento científico (BARROCO, 2007, p. 162). Assim, ao evadirem da escola, tais jovens ficam sem perspectiva de futuro e com dificuldades de acesso ao mundo do trabalho. Portanto, não conseguem melhores condições de vida e, devido à ausência da escola, não se encontram capacitados profissionalmente, tendo que se submeter a salários ínfimos e a condições de trabalhos precárias.

Ao compartilhar suas histórias, os estudantes apresentam um contexto de sofrimento e exclusão social; no entanto, revelam-se protagonistas de suas escolhas e seus destinos, querendo fazer diferença nas escolhas para o seu futuro. Segundo Sartre (1992), pensar o ser do homem é identificar esse esforço para uma ultrapassagem contínua, para uma liberdade que se apresenta como resposta que cada sujeito dá por intermédio de suas ações e das interpelações de sua existência mediadas por seu entorno psíquico e social.

Percebe-se que todos os estudantes apresentaram situações de abandono escolar devido aos sofrimentos vivenciados nas histórias de suas vidas: por perdas, pelo luto, pelo abandono, pela falta de estrutura familiar, por vivenciarem traumas e violências físicas. Relataram condições econômicas precárias, tendo que enfrentar o mercado de trabalho muito cedo. Lembraram que muitas vezes foram obrigados a evadir da escola como alternativa para vencer os desafios da vida cotidiana. A partir das narrativas dos estudantes, observa-se que todos os participantes apresentam histórias marcadas por dor, sofrimento e exclusão social envolvendo suas vidas escolares. Existem lacunas referentes às demandas sociais da sociedade pós-moderna, de novas políticas públicas, de investimentos e de ações pedagógicas que atendam realmente às necessidades do estudante contemporâneo, da instituição e dos professores em seu cotidiano escolar. Esse contexto de encontros e desencontros nas instituições de ensino, nas práticas pedagógicas, nos investimentos governamentais e nas políticas públicas repercute sobre o interesse e a permanência do aluno na escola, resultando em altos índices de evasão escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas pelos estudantes relacionaram suas desistências da escola, o abandono e a evasão escolar às condições socioeconômicas vivenciadas, necessitando iniciar muito cedo no mundo do trabalho para contribuir à renda familiar. Também foram identificadas questões relacionadas a problemas pessoais envolvendo questões familiares e sofrimentos que influenciaram suas escolhas escolares. As narrativas revelam que as trajetórias de vida representam um reflexo da sociedade excludente da qual fazem parte, marcada por sofrimentos, estigmas e estereótipos de uma sociedade de desigualdades em que as condições socioeconômicas muitas vezes determinam o destino dos jovens, impulsionando-os a fracassar e oferecendo poucas oportunidades de ascensão social.

Nas narrativas de história de vida cada participante compartilhou, de modo direto ou de forma implícita, suas emoções, angústias e sofrimentos ao recordar seus momentos iniciais escolares; nesses momentos, cada estudante projetou seu próprio futuro de forma subjetiva. Percebe-se, em consonância com Vigotski (2004a, 2004b, 2007), que as emoções se inserem no contexto das funções psicológicas superiores, permeando toda a atividade humana. Desenvolvendo-se a partir das vivências interacionais de cada pessoa, as emoções afetam e são afetadas pela realidade concreta de vida de cada ser humano. Nesse sentido, compreende-se que as emoções vivenciadas pelos participantes em suas vivências escolares ao narrar suas histórias de vida e mesmo ao ouvir as vivências

compartilhadas pelos demais estudantes revelam formas particulares, porém sociohistoricamente constituídas, de significar a própria realidade, pois “toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento” (VIGOTSKI, 2004a, p. 139).

Os projetos dos participantes se direcionam ao ser constante para o futuro, colocando-se em um momento de integração, da subjetivação, da objetivação e da dimensão temporal; nesse sentido, passado e futuro se fundem e o homem se inscreve como afirmação pela ação que, ao mesmo tempo, inclui lembranças da infância e escolhas maduras do presente e para o futuro (SARTRE, 1992). Na vida desses jovens e adultos, a escola constitui a única oportunidade de inclusão social, a qual tem sido estabelecida na legislação educacional como uma garantia de direitos. Entretanto, muitas instituições de ensino têm exercido uma função contraditória em sua missão educadora, acentuando as desigualdades sociais no espaço escolar e deixando de proporcionar aos estudantes um espaço inclusivo e acessível. Tal postura segrega ainda mais a sociedade, classificando as pessoas por classes sociais e conseqüentemente disseminando desigualdades e exclusão social; tornam-se, assim, prisioneiros de um ciclo de reprodução social fracassada, influenciando as gerações futuras à evasão escolar.

A partir das narrativas das histórias de vida dos estudantes e das trajetórias das pesquisadoras enquanto profissionais da educação, acredita-se que as instituições de ensino no país, mesmo com tantos entraves, ainda são consideradas espaços significativos de transformação social na vida de muitos estudantes. No entanto, o contexto educacional brasileiro necessita com urgência de políticas públicas que subsidiem uma educação inclusiva, igualitária e sobretudo de qualidade que possa atender de fato às necessidades educativas de cada estudante, independentemente do nível ou modalidade de ensino, proporcionando um espaço prazeroso de direito e protagonismo garantido, em que cada estudante construa sua própria identidade e seu futuro.

Enquanto as políticas públicas não acontecem, as instituições educacionais brasileiras permanecem reproduzindo esse ciclo de sucessivas exclusões sociais, no qual muitas vezes perde-se estudantes para o mundo do crime, das drogas e da frustração dos sonhos e objetivos futuros, impulsionando grandes estatísticas da evasão escolar. Os altos índices de evasão demonstram que esses ciclos se reproduzem a cada ano, aceitando que crianças, jovens e adultos sejam cada vez mais vítimas da exclusão, estigmatizados socialmente como fracos e incapazes. Qual seria o caminho de enfrentamento a esse cenário de fracassos educacionais estabelecido historicamente nos índices educacionais no país?

É fundamental aos docentes da Educação de Jovens e Adultos a empatia pelo estudante, conhecer sua realidade social, seu contexto familiar e, a partir desse conhecimento, rever seu planejamento para atender de fato às suas necessidades. Nesse sentido, a proposta é aproximar a escola da realidade concreta da vida real e reinventar as práticas pedagógicas, tornando a sala de aula um espaço prazeroso, afetivo e acolhedor em que sejam desenvolvidos habilidades e potenciais, enfatizando o protagonismo de cada estudante ao escrever sua própria história.

Conclui-se que, por meio da motivação desses jovens e adultos a retomar os estudos, é possível promover a capacitação para ingressar no mercado de trabalho competitivo. Os protagonistas da escola precisam refletir sobre os espaços escolares com vistas à transformação dessa realidade. Segundo Bauman (1998), o processo de transformação que indica uma escola inclusiva requer uma visão crítica e emancipatória, sendo necessário mapear novos caminhos humanizados que nos proporcionem novas relações pluralistas, democráticas e participantes. Desse modo, é possível criar espaços de protagonismo na escola que gerem sentidos aos estudantes, para garantir a efetivação do direito a uma educação de qualidade e emancipatória no Brasil.

Life story narratives and school evasion in students of Youth and Adult Education

ABSTRACT

The article presents a qualitative approach in the interpretative perspective of a master's research whose objective was to analyze the school dropout narratives of students of Youth and Adult Education (YAE) in a public educational institution located in a municipality in the southern region of Brazil. Ten students from an YAE class participated in a narrative interview in which they shared their life stories, in relation to their school trajectory. The reports were analyzed using the narrative analysis procedure. It was identified in the participants multiple reports of financial difficulties and deprivations, which conditioned the precocious entry of these students excluded from school in the labor market. During their life trajectories, the participants experienced a succession of emotions related to deprivations, suffering, characteristics of the loss of bonds and relationships with family members expressed in feelings and affections related to the constant state of social exclusion experienced. The study indicates the essentiality of the affectivity dimension in the establishment of educational relationships, as well as the need for educational practices that consider YAE students as integral beings, strengthening their goals and future projects related to the academic journey and social life as a whole. In this sense, it is concluded that the understanding of the human being in its cultural and historical context, considering the inseparability between cognition and affection, is a way to favor the belonging and integration of students to the community, contributing to the effectiveness of learning and full development of each subject.

KEYWORDS: Life histories. School dropouts. Youth, Adult education.

Narraciones de historias de vida y deserción escolar de estudiantes de educación juvenil y de adultos

RESUMEN

El artículo presenta un abordaje cualitativo en la perspectiva interpretativa de una investigación de maestría cuyo objetivo fue analizar las narrativas de deserción escolar de estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en una institución educativa pública ubicada en un municipio de la región sur de Brasil. Diez alumnos de una clase de EJA participaron de una entrevista narrativa en la que compartieron sus historias de vida, en relación a su trayectoria escolar. Los informes se analizaron mediante el procedimiento de análisis narrativo. Se identificaron en los participantes múltiples relatos de dificultades económicas y privaciones, que condicionaron el precoz ingreso de estos estudiantes excluidos de la escuela al mercado laboral. Durante sus trayectorias de vida, los participantes experimentaron una sucesión de emociones relacionadas con privaciones, sufrimiento, características de la pérdida de vínculos y relaciones con familiares expresadas en sentimientos y afectos relacionados con el constante estado de exclusión social vivido. El estudio señala la esencialidad de la dimensión afectiva en el establecimiento de relaciones educativas, así como la necesidad de prácticas educativas que consideren a los estudiantes de EJA como seres integrales, fortaleciendo sus metas y proyectos de futuro relacionados con el itinerario académico y la vida social en su conjunto. En este sentido, se concluye que la comprensión del ser humano en su contexto cultural e histórico, considerando la inseparabilidad entre cognición y afecto, es una forma de favorecer la pertenencia e integración de los estudiantes a la comunidad, contribuyendo a la efectividad del aprendizaje y al pleno desarrollo de cada sujeto.

PALABRAS CLAVE: Historia de vida. Deserción escolar. Educación de jóvenes y adultos.

REFERÊNCIAS

- BARROCO, S. M. S. Psicologia e educação: da inclusão e da exclusão ou da exceção e da regra. In: MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 157-184.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERTAUX, D. **Biography and society**. Beverly Hills: Sage, 1981.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Sinopses estatísticas da educação básica**. Brasília, DF: MEC/INEP, 2014.
- CLANDININ, D. J., CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GONZÁLEZ-REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- HERMANN, H. Narratives interview. In: FLICK, U. **Qualitative forschung: theorie, methoden, anwendung in psychologie**. 5. ed. Reinbek: Rowohlt-Taschenbuch-Verlag, 1995, p. 182-185.
- LANE, S. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARTINS, L. M.; CARVALHO, B. A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 699-710, 2016.
- OLIVEIRA, I. B. de (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP&A, 2010.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 227-249, 2014.
- SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.
- SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, G. P.; ARRUDA, R. A. Evasão escolar de alunos na educação de jovens e adultos – EJA. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 3, n. 3, p. 113-120, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. Tradução de: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

VIGOTSKI, L. S. **Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico**. 3. reimp. Tradução de: VIAPLANA, J. Madrid: Akai, 2004b.

Recebido: 3 ago. 2020

Aprovado: 30 dez. 2021

DOI: 10.3895/rtr.v6n0.12934

Como Citar: BEZERRA, V. L. M. et al. Narrativas de histórias de vida e evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 6, e2112934, p. 1-20, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Vivian Leamari Magalhães Bezerra

vivian-leamari@hotmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

